

FILME
THE SILENCE
OF THE LAMBS

1
AULA

DIRETOR
JONATHAN
DEMME



ANÁLISE DE FILMES E OBRAS DE ARTE

SEGUNDA - 19H
12 DE SETEMBRO



IRMÃOS
MAYRINCK

Jonathan Demme



O diretor norte-americano foi escalado para dirigir o longa "Silêncio dos Inocentes" depois que Gene Hackman não pôde fazê-lo. Seu nome não era óbvio, já que ele não fazia filmes do estilo thriller / de detetives.

Ele foi atrás do Anthony Hopkins em Londres por causa da atuação dele como o médico em "O Homem Elefante" porque, segundo ele, o Dr. Lecter era um homem bom preso na mente de um psicopata que não consegue se controlar, mas ainda tem uma certa elegância e ética.

Após Michelle Pfeiffer recusar o papel da Clarice, Demme não pediu para Jodie Foster nem mesmo fazer o teste: ele soube que ela era a pessoa certa para o papel ao vê-la chegar caminhando pelo corredor.

Jonathan Demme recebeu duras críticas da comunidade LGBTQIAP+ por causa da cena ao lado. As críticas mexeram tanto com ele que o próximo filme dirigido por Demme foi "Philadelphia".



O Silêncio dos Inocentes

Lançado em 1991, o longa, baseado no livro de Thomas Harris, abriu espaço para tantos outros filmes poderem existir. Ele foi muito importante no cenário de thriller, filmes de detetive e para o FBI, nos EUA pós-Guerra Fria, conseguir recrutar mais mulheres.

"O Silêncio dos Inocentes" fez de Hannibal Lecter (Anthony Hopkins) o melhor vilão da história do cinema, possivelmente. Ele é extremamente sedutor, elegante, limpo, bem penteado, está em uma cela iluminada, organizada, cheia de arte pintada por ele nas paredes e você quer vê-lo pelo maior tempo possível e a montagem do personagem é tão perfeita que, antes mesmo dele aparecer, ele já entrou na nossa mente.

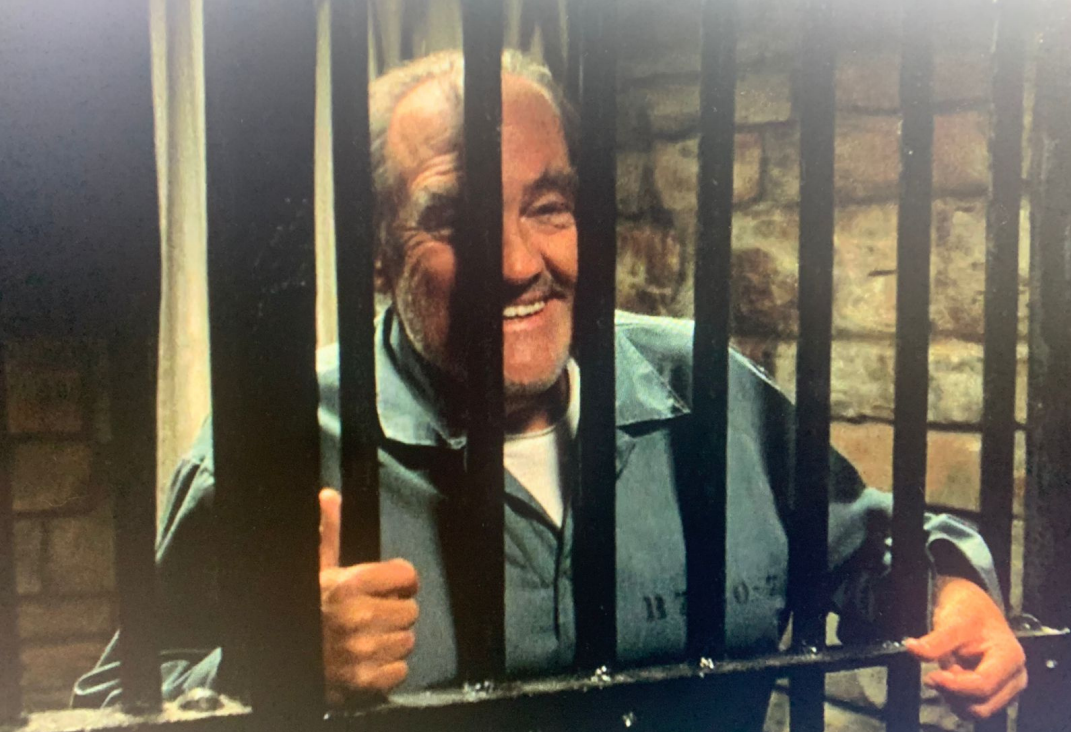


Antes de Clarice (Jodie Foster) chegar à cela do Dr. Lecter pela primeira vez, ela passa pela sala do diretor do manicômio judiciário e, depois, chega a um porão e passa por três outros presidiários que são responsáveis por preparar o espírito (dela e do espectador) para o que vai encontrar na sequência.

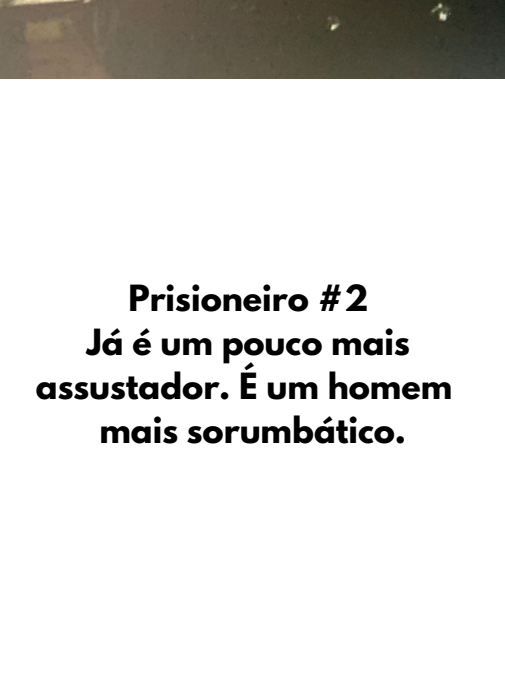
(Veja as imagens na próxima página e repare: enquanto a cela do Lecter é de vidro, a dos outros prisioneiros é com uma grade)

Lecter está sempre no controle. Tanto que, durante a conversa, Clarice fica sentada e ele de pé; ele olha para baixo e ela para cima; o rosto dele toma a tela inteira e o dela não.

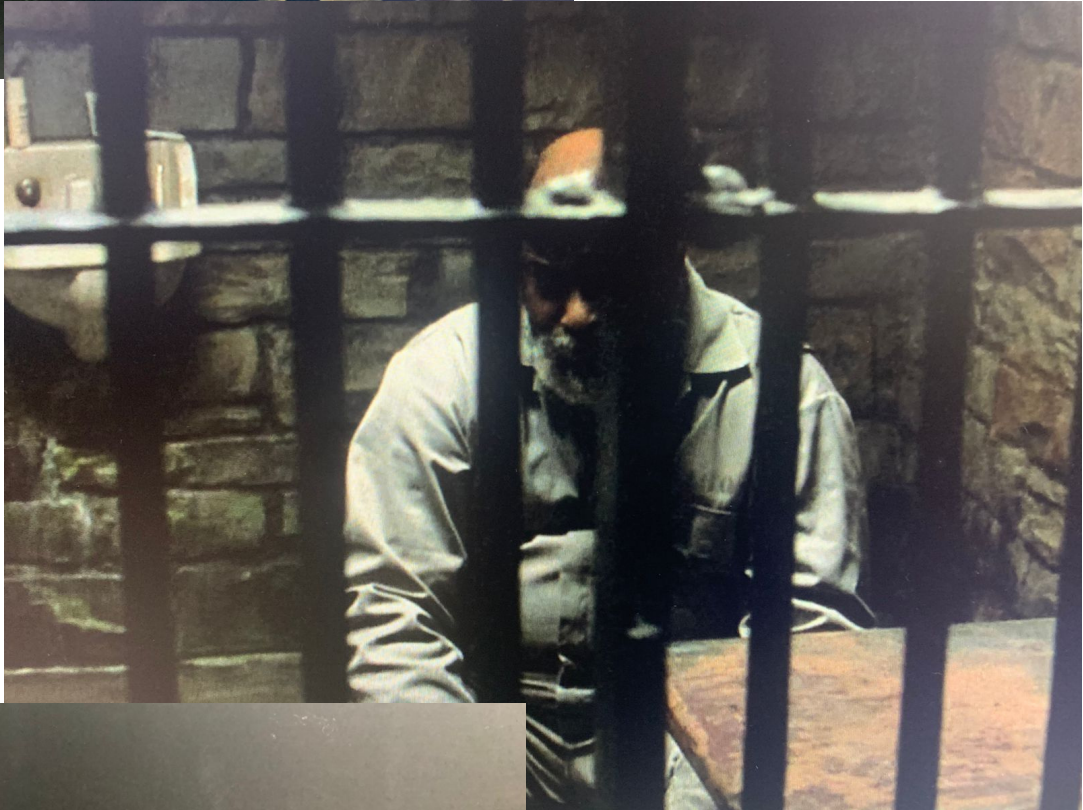
Ele já está preso há 10 anos e, mesmo assim, o FBI vai atrás dele para procurar informações sobre um serial killer. A insanidade dele começa a ser revelada através da sabedoria que ele tem, que o faz ser um oráculo.



Prisioneiro #1
Um senhorzinho que ficou
um pouco maluquinho,
mas não dá medo em
quem passa por ali



Prisioneiro #2
Já é um pouco mais
assustador. É um homem
mais sorumbático.



Prisioneiro #3 - Miggs
Já dá a dica que ela não
está chegando a um bom
lugar, a um ambiente
saudável.





Depois de receber uma dica sobre Buffalo Bill (Ted Levine), Clarice entra em um depósito. Mas não é um depósito qualquer: é a mente do Lecter. Ao entrar lá, ela se mostra humana, questionável: ela sangra. É uma mulher pequenininha, ambiciosa e que vai mostrar que consegue, mesmo sangrando, se machucando, chegar onde quer. Por mérito próprio. Ela não tem medo de usar sua feminilidade quando precisa. Sabe, inclusive, usar sua sensualidade. Clarice é um personagem ingrato. Ela carrega o filme nas costas, mas deixa Lecter brilhar. Apesar de ter um lado Hannibal, Clarice erra, mostra que tem humanidade, que não é uma super-heroína.





Lecter tem uma certa ética e não admite falta de educação. Por isso ele chama Clarice de volta e dá uma dica muito importante sobre o serial killer que ela está procurando ao ver o Miggs sendo grosseiro com ela. Durante o filme, ele e Clarice se conectam: um entra na mente do outro.

Eles estão se apaixonando. Ela se apaixona pela mente dele. Ele se encanta por ela, por isso permite que ela chegue perto - e ela não tem medo - e eles tocam os dedos quando ela passa as pinturas para ele. Ela entrou na cabeça dele e ele não consegue mais largar dela. Este momento de tamanha intimidade faz com que Clarice tenha certeza que ele jamais iria atrás dela.





Buffalo Bill foi um serial killer construído por Lecter em consultório, através da manipulação mental do paciente, para que ele pudesse se libertar. Ele é um híbrido de 3 serial killers famosos: Ted Bundy (o jeito de pegar as vítimas - Bundy ficava com uma tipoia no braço e uma van e pedia ajuda a mulheres para colocar móveis dentro do carro; quando elas se aproximavam, ele as desacordava com éter), George Heidnik (enfermeiro que tinha um poço em casa onde mantinha as vítimas) e Ed Gain (que tirava a pele das vítimas, costurava e fazia móveis para sua casa).

Para Hannibal, tudo é sobre pele. Tanto que ele come suas vítimas (por isso a máscara, que não seria assustadora se não fosse a interpretação de Hopkins com os olhos). Ele não tem pressa e sabe que precisa esperar Buffalo Bill ficar pronto.





A cena acima nos leva ao artista estudado durante esta aula: Francis Bacon.

Francis Bacon

Artista irlandês que se mudou pra Inglaterra. Nascido em 1909, ele era homossexual e, quando ele tinha 12 anos, o pai percebeu que ele tinha tendências homossexuais. Então, ele mandava o filho pro estábulo para ser espancado pelos funcionários que cuidavam dos cavalos.

Bacon começou a amar a violência. Até que, um dia, um dos meninos do estábulo o estuprou e ele amou. Isso mudou a vida dele. Daquele momento em diante, a vida dele era sobre sexo com violência e toda a obra de Francis Bacon tem pele sangrando, carne, osso, gente rasgada, gente quebrada...



Aos 17 anos, Francis Bacon foi vendido pelo pai para um amigo bissexual que o levou para Berlim, onde ele foi completamente depravado e passou a amar mais ainda a violência. Ele começou a pintar depois de uma viagem a Paris em 1928.

A grande obra da vida dele, Crucificação (abaixo), foi feita em 1933. Hoje ela pertence ao artista inglês Damien Hirst.



Francis Bacon começa a ficar obcecado por obras espanholas de Papas. Ele via a corrupção nos Papas e queria reproduzir. Bacon reproduz o Papa Inocêncio X de uma maneira que podemos ver o Hannibal Lecter: tinha tudo pra ser o bem, mas não consegue e vira o mal. Parece que está numa cadeira elétrica, gritando, num ringue de boxe.



Papa Inocêncio X, de Velázquez, séc. XVII (dir.) x Papa Inocêncio X, de Bacon, 1957 (esq.)

Toda a violência de Bacon aparece nas obras e nas relações dele. Os namorados dele ficavam violentos porque ele queria ser estuprado. Ele queria apanhar.

Ele viveu um grande amor com um ex-piloto de avião da II Guerra Mundial. O George era um doce, mas se transformou em um cara tão agressivo que eles tinham brigas muito violentas inclusive em público.

Bacon foi convidado para fazer uma exposição no Grand Palais, em Paris. A embaixada inglesa pediu para o George não ir, com medo do que poderia acontecer. Mas ele levou o George.

Dois dias antes da exposição, George chegou bêbado ao hotel com um acompanhante e Bacon foi dormir em outro quarto. No dia seguinte George estava morto na privada. Francis Bacon optou por não falar nada e deixar o corpo lá até depois da abertura. Ele dá entrevistas com o presidente Pompidou em frente a um tríptico que havia vendido sabendo que o companheiro estava morto no hotel. Por isso a escolha: ele é muito Hannibal Lecter. Completamente insano.



Depois da abertura no Grand Palais, Bacon virou o maior sucesso do mundo da arte. Um tempo depois ele volta para Paris, se hospeda no mesmo hotel onde o George morreu e pinta o tríptico abaixo:



George na privada / a vida do George se esvaindo / George morto.